UNIDADE 2

INSTRUMENTOS DE REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA DA INFORMAÇÃO: NORMAS E CÓDIGOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer os instrumentos utilizados na representação descritiva da informação.

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

1. conhecer as normas e códigos utilizados na representação descritiva:
   - *Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada (ISBD);*
   - *Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR);*
   - *Descrição e Acesso de Recursos (RDA).*

2.3 COMO ANDA O TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO?

Figura 22 – Tendências no tratamento da informação

Fonte: *Pixabay* (2017).[16]

Agora, veremos os instrumentos que padronizam as regras catalográficas, constituindo-se nas tendências atuais no tratamento descritivo da informação.

2.4 *DESCRIÇÃO BIBLIOGRÁFICA NORMALIZADA INTERNACIONAL (ISBD)*

A *Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada (International Standard Bibliographic Description,* em inglês*) (ISBD)* é uma norma desenvolvida *pela IFLA* para a descrição de documentos.

O *ISBD* tem sua origem na Reunião Internacional de Especialistas em Catalogação (RIEC), em Copenhague, em 1969, promovida pelo Comitê sobre Catalogação da *IFLA*. Lá, surgiu a proposta de criação de normas que regulamentassem a forma e o conteúdo das descrições, servindo como um instrumento de comunicação internacional da informação bi-

[16] Disponível em: <https://pixabay.com/pt/biblioteca-dublin-irlanda-trindade-2551593>. Acesso em: 4 maio 2020.

bliográfica. O texto-base da *ISBD* foi o documento preparado por *Michael Gorman* para essa reunião.

O objetivo principal da *ISBD* é fornecer disposições para uma catalogação descritiva compatível em nível mundial, a fim de auxiliar o intercâmbio internacional de registros bibliográficos entre agências nacionais e internacionais, a comunidade internacional dos bibliotecários e outros técnicos de informação. Os registros normalizados facilmente são importados de uns serviços a partir dos registros de outros serviços, mesmo que eles não estejam no mesmo país, sendo possível o compartilhamento.

O objetivo específico da *ISBD* é fornecer uma transcrição suficientemente precisa em relação às páginas, títulos etc., para permitir que diferentes trabalhos e diferentes edições de uma mesma obra possam ser facilmente identificados (BYRUM, 2005).

A *Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada para as Monografias (ISBD(M))* foi a primeira *ISBD* a ser publicada, em 1971 e, consecutivamente, foram aparecendo *ISBDs* para outros recursos específicos:

a) para publicações em série: *ISBD(S),* em 1974;

b) para material cartográfico: *ISBD(CM),* em 1977;

c) para material não livro: *ISBD(NBM),* em 1977;

d) para livro antigo: *ISBD(A),* em 1980;

e) para música impressa: *ISBD(PM),* em 1980;

f) para ficheiros de computador: *ISBD(CF),* em 1990.

Ficheiros – Arquivos de computador.

Nesse contexto, foi necessário criar uma estrutura geral em que se enquadrassem todas as *ISBD*, o que resultou na produção da *ISBD(G),* publicada em 1977. A principal utilidade da *ISBD(G)* é assegurar a harmonia entre as outras *ISBD*.

Para a descrição ao nível dos analíticos, foram publicadas, em 1988, as *Diretivas para a aplicação da ISBD para a descrição de partes componentes*. Na página da *IFLA* (<https://www.ifla.org/isbd-rg/superseded-isbd-s>), encontramos informações completas das *ISBD* e a lista de todas as suas edições (Figura 23).

Figura 23 – Edições das *ISBD*

Fonte: Dokumentalistas (20--?).[17]

[17] Disponível em: <https://i2.wp.com/www.dokumentalistas.com/wp-content/uploads/2013/04/ISBD.gif?fit=753%2C550>. Acesso em: 4 maio 2020.

A *ISBD* tornou-se padrão para a descrição bibliográfica e para todos os códigos de catalogação, inclusive o *AACR*, que veremos em seguida.

Ela dividiu as informações descritivas em oito áreas, onde encontramos os elementos que correspondem aos tipos de informação em cada área. Essas áreas são usadas para todos os tipos de recursos informacionais.

É interessante destacarmos os elementos sempre presentes na estrutura da *ISBD*:

a) especificação dos elementos que integram uma descrição bibliográfica;

b) cada elemento da descrição bibliográfica (título, responsabilidade, menção de edição etc.) surge sempre pela mesma ordem de sucessão;

c) previsão de um sistema de pontuação que precede cada elemento da descrição.

Figura 24 – Modelo de ficha normalizada

W482a

Weor, Samael Aun, 1917-1977

A autêntica biografia de Jesus: sua missão, reencarnações, vida e ensinamentos esotéricos / Samael Aun Weor. – São Paulo: Esotera, 2013.

248 p. : 16x23 cm

ISBN 978-85-61959-02-9

1. Jesus Cristo – Interpretações ocultistas. 2. Vida espiritual. 3. Esoterismo. I. Título.

CDD-133

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências Ocultas 133
2. Espiritualidade 248.4

Fonte: *Wikimedia Commons* (2014).[18]

Além disso, devemos conhecer os elementos e sua ordem:

0 ÁREA DE FORMA DO CONTEÚDO E DO TIPO DE MATERIAL

0.1 Forma do conteúdo

0.2 Tipo de material

1 ÁREA DE TÍTULO E MENÇÃO DE RESPONSABILIDADE

1.1 Título

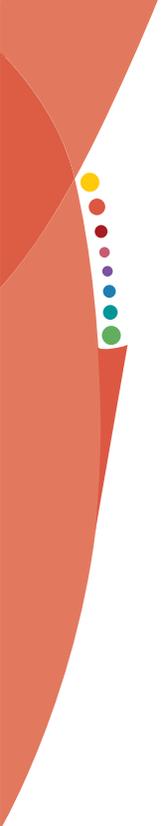
1.2 Título paralelo

1.3 Complemento do título

1.4 Indicações de responsabilidade

2 ÁREA DE EDIÇÃO

2.1 Indicação de edição

[18] Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Exemplo_de_Ficha_Catalogr%C3%A1fica.png>. Acesso em: 4 maio 2020.

2.2 Indicação de edição paralela

2.3 Indicações de responsabilidade relativas à edição

2.4 Indicações de edição adicional

2.5 Indicação de responsabilidade relativa à indicação de edição adicional

3 ÁREA ESPECÍFICA DE MATERIAL OU TIPO DE PUBLICAÇÃO

3.1. Dados matemáticos (recursos cartográficos)

3.2 Informação de formato musical (música notada)

3.3 Numeração (publicações em série)

4 ÁREA DE PUBLICAÇÃO, PRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO ETC.

4.1 Local de publicação, produção e/ou distribuição

4.2 Nome do editor, produtor e/ou distribuidor

4.3 Data de publicação, produção e/ou distribuição

4.4 Local de impressão ou fabrico

4.5 Nome do impressor ou fabricante

4.6 Data de impressão ou fabrico

5 ÁREA DE DESCRIÇÃO FÍSICA

5.1 Extensão

5.2 Outros pormenores físicos

5.3 Dimensões

5.4 Indicação de material acompanhante

6 ÁREA DE SÉRIE E PUBLICAÇÃO EM SÉRIE MONOGRÁFICA

6.1 Título próprio da série, subsérie ou publicação em série monográfica

6.2 Título paralelo da série ou publicação em série monográfica

6.3 Complemento do título da série ou publicação em série monográfica

6.4 Informação de responsabilidade relativa da série ou publicação em série monográfica

6.5 Número internacional normalizado da série, subsérie ou publicação em série monográfica

6.6 Numeração da série ou publicação em série monográfica

7 ÁREA DE NOTAS

7.0 Notas sobre a zona de forma do conteúdo e do tipo de material

7.1 Notas sobre a zona de título e menção de responsabilidade

7.2 Notas sobre a zona de edição e a história bibliográfica da publicação

7.3 Notas sobre a zona específica de material ou tipo de publicação

7.4 Notas sobre a zona de publicação, produção, distribuição etc.

7.5 Notas sobre a zona de descrição física

7.6 Notas sobre a zona de série

7.7 Notas relativas ao conteúdo

7.8 Notas sobre a zona de identificação da publicação e condições de disponibilidade

7.9 Notas relativas ao fascículo, parte, item etc., em que se baseia a descrição

7.10 Outras notas

7.11 Notas sobre o exemplar que se descreve

8 ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO DA PUBLICAÇÃO E CONDIÇÕES DE DISPONIBILIDADE

8.1 Identificador do recurso

8.2 Título-chave (recursos continuados)

8.3 Condições de disponibilidade

Vamos ver um exemplo de um livro em alemão? Não precisamos conhecer o idioma pois as normas são universais, ou seja, os elementos e áreas não se alteram.

Figura 25 – Diálogo em alemão

Fonte: *Freepik*.[19]

Observe que a pontuação prescrita na *ISBD* funciona como um código linguístico, interpretável em si mesmo. Ao visualizar a Figura 26 e, mesmo não dominando o idioma alemão, podemos identificar, pela posição e pontuação, alguns dados bibliográficos.

Observe também que a *ISBD* determina os elementos de dados que permitem transcrever, em uma ordem específica, a descrição de um recurso. Ela prescreve uma pontuação como meio de reconhecer e apresentar esses elementos de dados de forma compreensível e independente do idioma empregado na descrição (IFLA, 2013).

[19] Disponível em: <https://br.freepik.com/vetores-gratis/pop-art-casal-bonito-retro-no-estilo-da-banda-desenhada-com-mensagem_939588.htm#term=couple%20talking&page=1&position=16>. Acesso em: 4 maio 2020.

Figura 26 – Registro bibliográfico pontuado (*ISBD*)

Text (visuell) :ohneHilfsmittelzubenutzenKlassischeDramen:[TextundKommentar] /Friedrich Schiller;herausgegeben von MatthiasLuserke-Jaqui. – Frankfurt, M. :Dt. Klassiker-Verl., 2008.888 S. ; 18 cm. – (DeutscherKlassiker-VerlagimTaschenbuch;Bd. 26)Literaturverz. S. 879-885. – FrühereAufl. als: WerkeundBriefe: in zwölfBänden/ Friedrich Schiller ;Bd. 5. – Enthältu.a.: Maria Stuart. Die Jungfrau von Orleans. – ISBN 978-3-618- 68026-0

Fonte: *IFLA* (2013).

No Quadro 1, observamos a importância da *ISBD* para o processo de intercâmbio, independentemente do idioma de transcrição, assim como para entender que o registro fica evidente, além de facilitar o serviço de informação e o conceito do controle bibliográfico.

Quadro 1 – Registro bibliográfico formatado por área da *ISBD*

Área 1	Klassische Dramen [Gedruckter Text] : [Text und Kommentar] / Friedrich Schiller ; herausgegeben von Matthias Luserke-Jaqui
Área 2	
Área 3	
Área 4	. – Frankfurt, M. : Dt. Klassiker-Verl., 2008
Área 5	. – 888 S. ; 18 cm
Área 6	. – (DeutscherKlassiker-VerlagimTaschenbuch ; Bd. 26)
Área 7	. – Literaturverz. S. 879-885. – FrühereAufl. als: Werke und Briefe : in zwölfBänden / Friedrich Schiller ; Bd. 5. – Enthältu.a.: Maria Stuart. Die Jungfrau von Orleans
Área 8	. – ISBN 978-3-618-68026-0

Fonte: *IFLA* (2013).

Como podemos observar no Quadro 1, não é exigido preencher todos os elementos, havendo alguns obrigatórios e outros facultativos. O preenchimento depende também da informação que obtemos da publicação.

Nota: o sinal de pontuação **. –** (ponto, espaço, travessão) significa mudança de área e corresponde a um parágrafo.

Agora vamos ver a mesma publicação, mas com uma apresentação típica, a partir do modelo *ISBD* (Figura 27):

Figura 27 – Ficha catalográfica – modelo *ISBD*

Text (visuell) :ohneHilfsmittelzubenutzen

Klassische Dramen : [Text und Kommentar] / Friedrich Schiller ; herausgegeben von Matthias Luserke-Jaqui. – Frankfurt, M. : Dt. Klassiker-Verl., 2008.

888 S. ; 18 cm. – (Deutscher Klassiker-VerlagimTaschenbuch ; Bd. 26)

Literaturverz. S. 879-885. – FrühereAufl. als: Werke und Briefe : in zwölfBänden / Friedrich Schiller ; Bd. 5. – Enthältu.a.: Maria Stuart. Die Jungfrau von Orleans. – ISBN 978-3-618-68026-0

Fonte: *IFLA* (2013).

2.4.1 *ISBD* consolidada

A *ISBD* consolidada (Figura 28) reúne todas as *ISBDs* publicadas em uma única norma, ou seja, ela unificou as *ISBDs* especializadas (livros, mapas, publicações em série, música e sons, ficheiros de computador e outros recursos eletrônicos). Simultaneamente, adaptaram-se os requisitos para a descrição de todos os recursos, de modo a conseguir que a descrição dos vários tipos de materiais esteja no mesmo estado de concordância com os FRBR.

O FRBR é um modelo conceitual resultante do estudo realizado por um grupo de estudo da *IFLA* entre os anos de 1992 e 1997, e publicado em 1998, que veremos na próxima unidade.

Figura 28 – Capa da edição consolidada do *ISBD*

Fonte: *IFLA* (2016).[20]

Segundo *Rodriguéz* e *McGarry* (2007, p. 128):

> Os modelos de publicação hoje em dia estão em constante mudança, em grande parte devido ao meio eletrônico, no qual estamos cada vez mais inseridos, já que cada vez é maior o interesse nos metadados para

[20] Disponível em: <https://www.ifla.org/publications/international-standard-bibliographic-description>. Acesso em: 4 maio 2020.

promover o controle e acesso aos recursos eletrônicos. A ISBD se beneficiará de novas oportunidades para influenciar o conteúdo e o uso de outros esquemas de metadados, já que a maioria deles define elementos que lhes são familiares. Por outro lado, importa não só considerar as novas situações bibliográficas, mas também atender às práticas já estabelecidas que continuam tão úteis agora como foram no passado. Portanto, é necessário que a IFLA continue a assegurar a atualização da ISBD, e que a continue fazendo em cooperação com as agências bibliográficas nacionais e comitês nacionais e internacionais de catalogação.

Assim, observamos que a *ISBD* consolidada é um exemplo de muitos estudos para o aprimoramento dos instrumentos descritivos para o controle e intercâmbio mundial dos registros bibliográficos.

2.5 CÓDIGO DE CATALOGAÇÃO ANGLO-AMERICANO (AACR)

Como vimos, a Conferência de Paris ou Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação foi o primeiro evento com o objetivo de discutir a normalização e padronização em nível internacional da catalogação. A partir daí, vários códigos foram modificados.

O *AACR* seguiu os *Princípios da Declaração de Paris* de 1961. Em 1967, foi publicada sua primeira edição – uma publicação conjunta da *ALA* (EUA), da *Canadian Library Association* (Canadá), da *Library Association* (Inglaterra) e *da LC* (EUA).

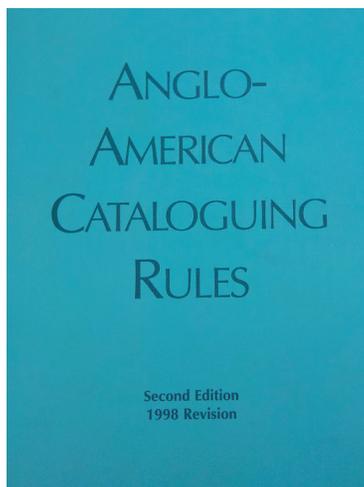
No Brasil, os trabalhos realizados nessa área tiveram como precursora a eminente bibliotecária *Maria Luísa Monteiro da Cunha*, da *Universidade de São Paulo (USP)*, que participou da mencionada conferência realizada em 1961. A partir daquele momento, ela iniciou a divulgação da proposta junto às bibliotecas e escolas de Biblioteconomia brasileiras, ressaltando a importância da adoção de princípios internacionais de representação descritiva de publicações. Em 1969, foi publicada a primeira edição brasileira do *AACR*, coordenada pelo então atuante bibliotecário *Abner Lellis Corrêa Vicentini* (FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, 2017).

Em 1969, o *AACR* foi traduzido para o português do Brasil e adotado como código internacional para descrição de objetos informacionais.

Houve muitas discordâncias entre americanos e ingleses e, em consequência, foram publicados dois códigos, cada um em um país. Entretanto, em 1978, foi publicada a segunda edição do *AACR* (Figura 29),

passando a ser conhecido por *AACR2*, resultante da unificação das regras americanas e inglesas e utilizando a pontuação prescrita pela *ISBD*.

O *AACR2* foi traduzido para vários idiomas, inclusive para o português, pela *Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB)*, em dois volumes: o volume 1, em 1983 e o volume 2, em 1985, além de ter sido revisado em 1988 e 2002, passando a ser conhecido por *AACR2r*.

Figura 29 – Segunda edição do *AACR*

Fonte: *Wikimedia Commons* (2012).[21]

2.5.1 Estrutura do *AACR2*

O *AACR2* tem como objetivo a normalização da catalogação em nível internacional, subsidiando o tratamento da informação. Utiliza sistema de pontuação e a catalogação pode ser feita pelo suporte físico da obra.

A tradução de 2002 para o português teve revista a redação e numeração das regras, além da inclusão de novos exemplos. A obra é constituída em Parte 1 (capítulos 1 ao 13) e Parte 2 (capítulos 21 ao 26, Apêndices e Índice).

A Parte 1 trata da descrição de objetos informacionais. As regras básicas para a descrição de todos os materiais se encontram no capítulo 1, que estabelece todas as regras de aplicabilidade geral.

Parte I – Descrição

1 Regras gerais de descrição

2 Livros, folhetos e folhas Impressas

3 Materiais cartográficos

4 Manuscritos (incluindo coleções manuscritas)

5 Música

6 Gravação de som

7 Filmes cinematográficos

[21] Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Anglo_American_cataloging_rules.jpg>. Acesso em: 4 maio 2020.

Realia – Conjunto de ilustrações de uma obra.

8 Materiais gráficos

9 Recursos eletrônicos

10 Artefatos tridimensionais e realia

11 Microforma

12 Recursos contínuos

13 Análise

A Parte 2 apresenta, principalmente, os pontos de acesso (especialmente do nome de interesse), e os apêndices, de grande utilidade para a descrição (em especial a de abreviaturas).

Parte II – Pontos de acesso, títulos uniformes, remissivas

21 Escolha dos pontos de acesso

22 Cabeçalhos para pessoas

23 Nomes geográficos

24 Cabeçalhos para entidades

25 Títulos uniformes

26 Remissivas

APÊNDICES

A Maiúsculas e minúsculas

B Abreviaturas

C Numerais

D Glossário

E Artigos iniciais

F Apêndice à tradução brasileira

ÍNDICE

2.5.2 **Atividade**

Assinale as opções correspondentes às definições:

1. Qual a entidade que desenvolveu o *International Standard Bibliographic Description (ISBD)*?
   a) *American Library Association (ALA);*
   b) *Canadian Library Association (Canadá);*
   c) *Library Association (Inglaterra);*
   d) *Library of Congress (LC);*
   e) *International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA).*

2. Compêndio de regras para a criação de descrições bibliográficas e para a escolha, a construção e a atribuição dos pontos de acesso:

   a) *AACR2;*

   b) FRBR*;*

   c) *ISBD;*

   d) *IFLA;*

   e) *Dublin Core*.

Resposta comentada

1. A única opção verdadeira é a **e)**, *(IFLA)*, pois foi a *Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias* que desenvolveu o padrão *Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada (ISBD)*.

2. A resposta correta é a letra **a)**, *Código de catalogação Anglo-Americano (AACR2)*, por resumir as regras para descrições bibliográficas e dos pontos de acesso dos recursos informacionais. Os Requisitos Funcionais para Registros Bibliográficos (*FRBR*) são um modelo conceitual que reorganiza os elementos dos registros bibliográficos por meio da análise de entidades, atributos e relacionamentos, com objetivo de relacionar dados registrados às necessidades dos usuários. O *ISBD* é um padrão para a criação de descrições bibliográficas que especifica os elementos necessários para a descrição dos diversificados recursos informacionais, uniformizando a ordem dos elementos do registro e a pontuação utilizada entre os elementos. A *IFLA* é o órgão internacional que representa e promove a causa dos serviços de bibliotecas e dos bibliotecários. E o *Dublin Core* é um esquema de metadados que visa a descrever objetos digitais.

2.5.3 Estrutura da descrição

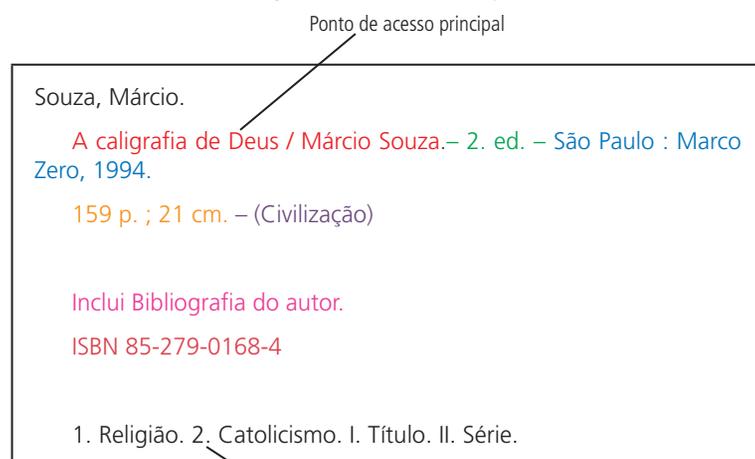
A descrição se divide em oito áreas (que constituem a sua parte mais importante), e é registrada após a entrada principal, de acordo com o tipo de informação obtida no documento.

Apresentaremos, a seguir, alguns exemplos ilustrativos para vocês entenderem melhor a utilização do *AACR2*. Não pretendemos cobrir todos os aspectos, nem mesmo esgotar todos os capítulos em todos os detalhes conforme constam do documento original em que ele se baseia. Nos concentraremos na representação descritiva e nos pontos de acesso para livros, folhetos e folhas impressas, segundo as regras básicas do *Código de Catalogação Anglo-Americano*, segunda edição.

2.5.3.1 *Áreas*

Na legenda de cores, a seguir, você poderá identificar com facilidade as áreas da descrição na Figura 30:

1. Área do título e indicação de responsabilidade
2. Área da edição
3. Área dos detalhes específicos do material (ou do tipo de publicação)
4. Área da publicação, distribuição etc.
5. Área da descrição física
6. Área da série
7. Área das notas
8. Área do número normalizado e modalidades de aquisição

Figura 30 – Ficha exemplo

Fonte: produção do próprio autor (2017).

No exemplo acima, temos o autor *Souza*. Consultando o código, seria: **729**, ficando a notação assim formada: **S729**.

Na ficha, deve constar o número de *Cutter* (notação de autor) e o número de classificação, que você aprenderá na disciplina Representação Temática da Informação.

A notação de autor se constitui de um código que representa o sobrenome do autor utilizado como ponto de acesso principal. *Cutter* criou uma tabela de códigos de nomes pessoais. Ela representa cada sobrenome pela letra inicial, seguida de três dígitos. Quando um sobrenome não se enquadrar exatamente no sobrenome previsto, deve-se usar o código imediatamente anterior.

Figura 31 – *Tabela de Cutter*

A| B| C| D| E| F| G| H| I| J| K| L| M| N| O| P| Q| R| S| T| U| V| W| X| Y| Z

Q		R		S		T	
1	Qua	111	Ra	111	Sa	111	Ta
2	Quat	112	Rab	112	Saar	112	Tab
3	Que	113	Rabau	113	Sab	113	Tabe
4	Quer	114	Rabe	114	Sabb	114	Tabo
5	Ques	115	Raben	115	Sabe	115	Tac
6	Qui	116	Rabi	116	Sabi	116	Tacf
7	Quin	117	Rabu	117	Sabl	117	Tach
8	Quir	118	Rac	118	Sabr	118	Taci
9	Quo	119	Rach	119	Sac	119	Taco
		121	Raci	121	Sach	121	Tad
		122	Rack	122	Saco	122	Tado
		123	Raco	123	Sacr	123	Tae
		124	Rad	124	Sad	124	Taf
		125	Radc	125	Sade	125	Tag
		126	Rade	126	Sadl	126	Tagl

Fonte: *Cutter-Sanborn* (20--?).[22]

Podemos visualizar a *Tabela de Cutter* (Figura 31) completa no seguinte endereço: <http://203.241.185.12/asd/board/Author/upfile/qrst.htm>.

2.5.3.2 *Pontuação*

A pontuação indica e separa os elementos da descrição. Os sinais de pontuação da descrição são precedidos e seguidos de espaço, exceto o **ponto**, a **vírgula**, o **hífen**, os **parênteses** e os **colchetes**.

As áreas se separam por meio de **ponto, espaço, travessão, espaço** (. –). A área final de um parágrafo terminará sempre pelo **ponto,** exceto nos casos da presença de outro sinal também prescrito pelo *Código*, caso em que este último sinal prevalecerá.

Dados obtidos fora da(s) fonte(s) de informação prescrita(s) devem ser colocados entre colchetes.

Indica-se a omissão de parte de um elemento usando reticências (...). As reticências devem ser precedidas e seguidas de um espaço em branco.

[22] Disponível em: <http://203.241.185.12/asd/board/Author/upfile/qrst.htm>. Acesso em: 4 maio 2020.

2.5.3.2.1 Sinais de pontuação

Confira no Quadro 2 a seguir os sinais de pontuação:

Quadro 2 – Sinais de pontuação

SINAIS	SÍMBOLOS
COLCHETES	**[ ]**
RETICÊNCIAS	**...**
IGUAL	**=**
BARRA INCLINADA	**/**
DOIS PONTOS	**:**
PONTO E VÍRGULA	**;**
VÍRGULA	,
PONTO	**.**
INTERROGAÇÃO	?
HÍFEN	**-**
PONTO ESPAÇO TRAVESSÃO ESPAÇO	**. –**
TRAVESSÃO	**–**
SINAL DE ADIÇÃO	**+**
SINAL DE MULTIPLICAÇÃO	**X**

Fonte: produção do próprio autor (2017).

2.5.3.3 *Margens*

No caso de emprego da ficha catalográfica modelo tradicional (formato 7,5 x 12,5 cm), adota-se como **primeira margem** o 9º espaço a partir da margem esquerda da ficha; como **segunda margem** (início de parágrafo), o 12º e como **terceira margem**, o 15º (empregada exclusivamente como continuação da entrada principal de pessoas físicas ou de entidades).

É aconselhável que o tipo da fonte seja o mesmo utilizado na obra. O tamanho deve ser menor que o do texto da obra e o espaçamento na modalidade simples.

2.5.3.4 *Níveis de detalhamento na descrição*

Recomendam-se três níveis de descrição, especificando os elementos mínimos que devem ser registrados por bibliotecas e outras agências catalogadoras. A escolha deve ser baseada no objetivo do catálogo para o qual a entrada é elaborada:

a) primeiro nível de descrição:

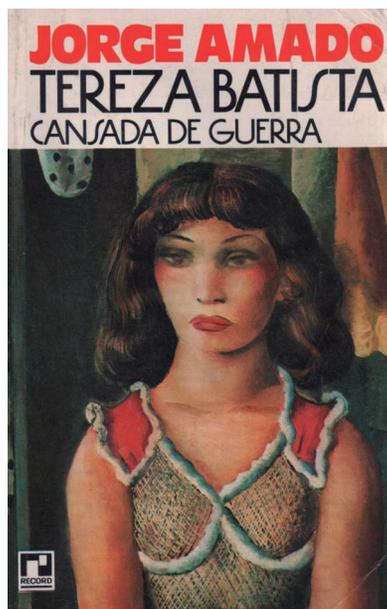
Título principal / primeira indicação de responsabilidade, se diferir do cabeçalho da entrada principal em forma ou número, ou se não houver cabeçalho de entrada principal. – Indicação de edição. – Detalhes específicos do material (ou do tipo de publicação). – Primeiro editor etc., data de publicação etc. – Extensão do item. – Nota(s). – Número normalizado.

b) segundo nível de descrição:

Título principal [designação geral do material] = Título equivalente: outras informações sobre o título / primeira indicação de responsabilidade; cada uma das indicações subsequentes de responsabilidade. – Indicação de edição / primeira indicação de responsabilidade relativa à edição. – Detalhes específicos do material (ou tipo de publicação). – Primeiro lugar de publicação etc.: primeiro editor etc.,data de publicação etc. – Extensão do item : outros detalhes físicos : dimensões. – (Título principal da série / indicação de responsabilidade relativa à série, ISSN da série; numeração dentro da série. Título da subsérie, ISSN da subsérie; numeração dentro da subsérie). – Nota(s). – Número normalizado.

c) terceiro nível de descrição: para o terceiro nível de descrição, inclua todos os elementos especificados nas regras seguintes, aplicáveis ao item que está sendo descrito.

Vamos ver como seriam descritos os dados da obra *Tereza Batista cansada de guerra* (Figura 32), de *Jorge Amado*, nos três níveis?

Figura 32 – Capa do livro

Fonte: *Faldini* (1987).

Dados da obra (Figura 33):

Figura 33 – Dados da obra

- Tereza Batista cansada de guerra
- Jorge Amado
- Romance
- Obras ilustradas de Jorge Amado
- XIX
- Ilustrações de Calasans Neto
- Capa de Carybé
- Retratos do autor por Carlos Bastos e Zélia Amado
- Modinha para Tereza Batista, composta por Dorival Caymmi
- Supervisão gráfica de Rodolpho Ceraso
- Livraria Martins Editora
- São Paulo
- 1972
- 462 páginas
- 21 centímetros

Fonte: produção do próprio autor (2017).

Primeiro nível (Figura 34):

Figura 34 – Descrição em primeiro nível

A481t Amado, Jorge.
Tereza Batista cansada de guerra. – Martins, 1972.
462 p.

1. Prostituição. 2. Violência doméstica. 3. Mulher.
4. Feminismo. I. Título.

Fonte: produção do próprio autor (2017).

Segundo nível (Figura 35):

Figura 35 – Descrição em segundo nível

A481t Amado, Jorge.
Tereza Batista cansada de guerra : romance /
Jorge Amado. – SãoPaulo : Martins, 1972.
462 p. – (Obras ilustradas de Jorge Amado ; 19)

1. Prostituição. 2. Violência doméstica. 3. Mulher.
4. Feminismo. I. Título. II. Série.

Fonte: produção do próprio autor (2017).

Terceiro nível (Figura 36):

Figura 36 – Descrição em terceiro nível

A481t Amado, Jorge.

Tereza Batista cansada de guerra : romance /

Jorge Amado ; ilustrações de Calasans Neto ; capa de Carybé ; retratos do autor por Carlos Bastos e Zélia Amado ; modinha para Tereza Batista composta por Dorival Caymmi. – São Paulo : Martins, 1972.

462 p. : il. ; 21 cm. – (Obras ilustradas de Jorge Amado ; 19)

1. Prostituição. 2. Violência doméstica. 3. Mulher.

4. Feminismo. I. Calasans Neto. II. Carybé. III. Bastos, Carlos.

IV. Amado, Zélia. V. Caymmi, Dorival. VI. Título. VII. Série.

Fonte: produção do próprio autor (2017).

2.5.4 Áreas e elementos da descrição bibliográfica

Apresentaremos, a seguir, os elementos da descrição bibliográfica, que podem ou não aparecer em todas as situações de catalogação, pois dependem da natureza do item informacional e das regras do *AACR2*.

Foram consultadas as seguintes fontes para os exemplos apresentados em algumas regras:

a) CÓDIGO DE CATALOGAÇÃO ANGLO-AMERICANO. 2. ed., rev. Tradução da FEBAB. São Paulo: FEBAB/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

b) FALDINI, Giacomina (Org.). Manual de catalogação: exemplos ilustrativos do AACR2. São Paulo: Neobel, 1987.

c) MEY, Eliane Serrão Alves. Não brigue com a catalogação! Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2003.

d) RIBEIRO, Antonia Motta de Castro Memória. Catalogação de recursos bibliográficos pelo AACR2R 2002. 2. ed. Brasília: Ed.do Autor, 2004.

2.5.4.1 *Área 1: do título e da indicação de responsabilidade*

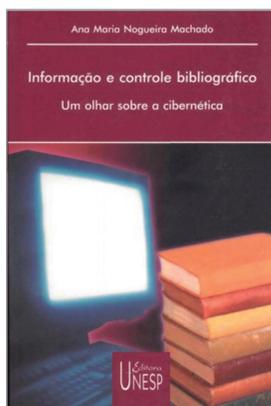
Título é um nome atribuído a uma obra de natureza literária, científica ou artística.

Seu registro tem lugar na linha imediatamente abaixo da do autor (entrada principal), na segunda margem, e é transcrito exatamente como consta no documento.

Títulos longos podem ser abreviados, empregando-se o recurso das **reticências**, mas conservando-se pelo menos as cinco primeiras palavras.

Colchetes no título do documento são substituídos por **parênteses**; **reticências**, por **travessão**.

Exemplo:

Figura 37 – Capa e dados do livro

- Informação e controle bibliográfico: um olhar sobre a cibernética
- Ana Maria Nogueira Machado
- © 2003
- Editora UNESP
- 157 páginas
- 21 centímetros
- Palavras-chave: Biblioteconomia. Cibernética. Controle bibliográfico. Informação. Sistemas de armazenagem e recuperação. Informática. Teoria da informação
- ISBN 85-7139-462-8

Fonte: produção do próprio autor (2017).

Figura 38 – Ficha

M149i Machado, Ana Maria Nogueira.

Informação e controle bibliográfico : um olhar sobre a cibernética / Ana Maria Nogueira Machado. – São Paulo : Unesp, 2003.

157 p. ; 21 cm.

I SBN 85-7139-462-8

1. Biblioteconomia. 2. Cibernética. 3. Controle bibliográfico. 4. Informação. 5. Sistemas de armazenagem e recuperação. 6. Informática. 7. Teoria da Informação. I. Título.

Fonte: produção do próprio autor (2017).

2.5.4.1.1 Título principal em duas ou mais línguas e/ou alfabetos diferentes

Ocorrendo título principal em duas ou mais línguas e/ou em alfabetos diferentes, prevalecerá o título na língua ou no alfabeto do texto principal, ou o título que ocorrer primeiro na fonte principal, ou ainda o título em destaque quanto aos aspectos tipográficos. O outro será registrado como **título equivalente** (o nível dois só admite um título equivalente).

Exemplo:

Figura 39 – Capa e dados do livro

- Gabriel Luiz Gabeira
- Síntese da economia brasileira 2001
- Synthesis of the Brazilian economy 2001
- 2001
- Rio de Janeiro
- Confederação Nacional do Comércio
- 30ª edição
- 128 p.
- 28 centímetros
- Edições anuais

Fonte: *Faldini* (1987).

Figura 40 – Ficha

S615 Síntese da economia brasileira 2001 = Synthesis of the
Brazilian Economy 2001 / [colaborador] Gabriel Luiz
Gabeira. – 30. ed.– Rio de Janeiro : Confederação
Nacional do Comércio, 2001.
128 p. ; 28 cm.

Edições anuais.

1. Economia – Brasil. 2. Balança comercial. I. Gabeira, Gabriel Luiz. II. Conferência Nacional do Comércio. III. Título : Synthesis of the Brazilian economy 2001.

Fonte: produção do próprio autor (2017).

2.5.4.1.2 Atividade

Com relação à *Tabela Cutter*, concebida pelo bibliotecário norte-americano *Ammi Cutter* (1837-1903), avalie como verdadeiros ou falsos os itens abaixo.

I. É um sistema alfanumérico para identificação de autores.

II. As letras em maiúscula que vêm após o sobrenome se referem ao prenome do autor.

III. O sistema tem a função de ordenar as diversas obras de um mesmo autor dentro de um mesmo assunto.

IV. É um sistema alfabético para identificação de autores.

V. Quando não existir o número exato para o sobrenome, utiliza-se o mais próximo posterior.

A alternativa que contém a sequência correta, de cima para baixo, é:

a) V V V V V;

b) V V V F F;

c) F F F V V;

d) F F F F F;

e) V V V V F.

Resposta comentada

A sequência correta corresponde à alternativa **b)**.

I. A afirmativa é verdadeira por ser um sistema alfanumérico que representa o sobrenome do autor ou a primeira palavra de um título, que, codificado, compõe o número de chamada do recurso de informação.

II. A afirmativa é verdadeira, pois o sistema foi elaborado de forma a diferenciar autores com mesmo sobrenome, assim, as letras em maiúscula que sucedem o sobrenome referem-se ao prenome (Figura 41).

Figura 41 – Trecho da *Tabela Cutter*

375	Alexander,	C.
376	Alexander,	J.
377	Alexander,	M.
378	Alexander,	S.
379	Alexander,	W.
381	Alexande	
382	Alexander,	M.

Fonte: indisponível.

III. A afirmativa é verdadeira, pois a classificação agrupa os recursos de informação pelos assuntos de que tratam, e para que sejam individualizados, acrescenta-se a notação do autor que ordena os itens de um mesmo autor dentro do grupo de obras de assunto específico. Com a união das duas notações, classificação e número de *Cutter*, temos o número de chamada.

IV. A afirmativa é falsa, pois o código que representa o autor é alfanumérico, por ser composto pela primeira letra da entrada principal do recurso de informação, seguido do número correspondente estabelecido na tabela de *Cutter*, que indica um número para cada nome em ordem alfabética.

V. A afirmativa é falsa, pois quando não existir o número exato para o sobrenome, utiliza-se o mais próximo anterior.

2.5.4.1.3 Título alternativo

Conceitua-se o **título alternativo** como sendo a segunda parte de um título que se inicia pela conjunção alternativa **ou**, ou seus equivalentes em outras línguas, entre vírgulas.

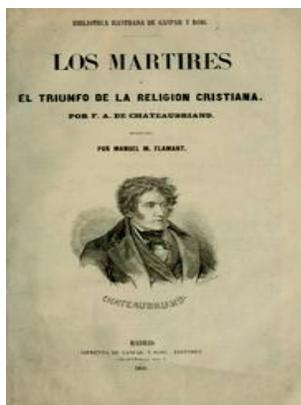
Exemplo:

Figura 42 – Capa e dados do livro

- Os mártires ou o triunfo da religião cristã
- François-René de Chateubriand
- Editora das Américas
- 1957
- São Paulo
- Três volumes
- Obras completas de Chateubriand, v. 4-6
- 20 centímetros
- Tradução brasileira de Padre Vicente Pedroso

Fonte: *Faldini* (1987).

Figura 43 – Ficha

C492m Chateaubriand, François-René de.

Os mártires, ou, O triunfo da religião cristã / François-René de Chateaubriand. – São Paulo : Ed. das Américas, 1957.

3 v. ; 20 cm. – (Obras completas de Chateaubriand ; v. 4-6)

Tradução brasileira de Padre Vicente Pedroso.

1. Literatura francesa. 2. Epopeia em prosa. 3. Mártires. 4. Religião – cristã. I. Título. II. Título: O triunfo da religião cristã. III. Série.

Fonte: produção do próprio autor (2017).

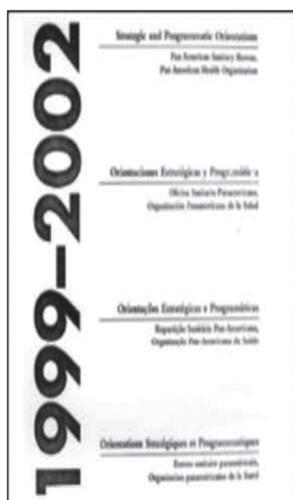
2.5.4.1.4 Título equivalente

Quando uma obra possui dois ou mais títulos idênticos quanto aos elementos, apenas em idiomas ou em alfabetos diferentes, dá-se o nome de equivalentes aos títulos subsequentes ao primeiro (ou ao em destaque na fonte principal).

No nível dois de catalogação, registra-se apenas um título equivalente. No nível três, todos os títulos equivalentes aparecem na fonte principal.

Transcreva o segundo título equivalente, na seguinte ordem de preferência: inglês, francês, alemão, espanhol, latim ou em qualquer outra língua do alfabeto latino. O título equivalente é separado do título propriamente dito por **espaço**, **sinal de igualdade**, **espaço**.

Exemplo:

Figura 44 – Capa e dados do livro

- Strategic and Programmatic Orientations
- Pan American Sanitary Bureau
- Pan American Health organization
- Orientaciones Estratégicas y Programáticas
- Oficina Sanitaria panamenricana
- Organização Panamericana de La Salud
- Orientações Estratégicas e Programáticas
- Repartição Sanitária Pan-Americana
- Organização Pan-Americana de Saúde
- Orientations Stratégiques et Programma-tiques
- Bureau Sanitair e Panaméricain
- Organization Panaméricaine de La Santé
- 1999-2002
- Washington, D.C.
- Pan American Health Organization
- c1999
- 169 páginas
- 25 centímetros
- PAHO official document, 291
- ISBN 92-75-07291-4
- Títulos e textos sucessivos em inglês, espanhol, português e francês.

Fonte: *Faldini* (1987).

Figura 45 – Ficha

O68s Organização Pan-Americana da Saúde.

Strategic and programmatic orientations, 1999-2002 / Pan American Sanitary Bureau, Pan American Health Organization = Orientaciones estratégicas y programáticas, 1999-2002 / Oficina Sanitaria Panamericana, Organización Panamericana de la Salud = Orientações estratégicas e programáticas, 1999-2002 / Repartição Sanitária Pan-Americana, Organização Pan--Americana da Saúde. – Washington, D.C. : Pan American Health Organization, c1999.

169 p. ; 25 cm. – (PAHO official document ; 291)

Títulos e textos sucessivos em inglês, espanhol, português e francês.

ISBN 92-75-07291-4

1. Exclusão social. 2. Saúde. 3. Mortalidade. I. Organização Pan-Americana da Saúde. Repartição Sanitária Pan-America-na. II Título. III. Título: Orientaciones estratégicas y programá-ticas, 1999-2002. IV. Título: Orientações estratégicas e progra-máticas, 1999-2002. V. Série.

Fonte: produção do próprio autor (2017).

2.5.4.1.5 Indicação de responsabilidade

Trata da indicação do responsável ou responsáveis, pessoas ou entidades, que de alguma forma participaram da criação do conteúdo intelectual ou artístico de um item:

a) **com um autor:**

Figura 46 – Capa e dados do livro

- Luis Fernando Veríssimo
- Poesia numa hora dessas?!
- Rio de Janeiro
- Editora Objectiva
- c2002
- 105 páginas
- Ilustrado
- 18 centímetros

Fonte: produção do próprio autor (2017).

Figura 47 – Ficha

V516p Veríssimo, Luis Fernando.

Poesia numa hora dessas?! / Luis Fernando Veríssimo. – Rio de Janeiro: Objectiva, c2002.

105 p. : Il. ; 18 cm.

1. Crônicas. 2. Lirismo. 3. Humor. 4. Cotidiano. I. Título.

Fonte: produção do próprio autor (2017).

b) **com dois autores:**

Figura 48 – Capa e dados do livro

- Renée Lefévre
- Fernando Luiz da Fonseca
- Recantos, encantos e prantos da Bahia
- LTC, Arte & Cultura
- Rio de Janeiro
- São Paulo
- Editora da Universidade de São Paulo
- 1976
- 111 páginas
- Ilustrado
- 29 centímetros

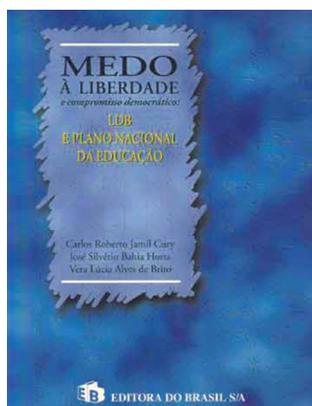
Fonte: produção do próprio autor (2017).

Figura 49 – Ficha

L493r	Lefévre, Renée.
	Recantos, encantos e prantos da Bahia / Renée Lefévre, Fernando Luiz da Fonseca. – Rio de Janeiro : LTC, Arte e Cultura ; São Paulo : Edusp, 1976.
	111 p. :il. ; 29 cm.
	1. Pintura. 2. Paisagem. 3. Paisagem – baiana. I. Fonseca, Fernando Luiz da. II. Título.

Fonte: produção do próprio autor (2017).

c) **com três autores:**

Figura 50 – Capa e dados do livro

- Carlos Roberto Jamil Cury
- José Silvério Bahia Horta
- Vera Lúcia Alves de Brito
- Medo à liberdade e compromisso democrático: LDB e Plano Nacional da Educação
- São Paulo
- Editora do Brasil
- c1977
- 319 páginas
- 23 centímetros

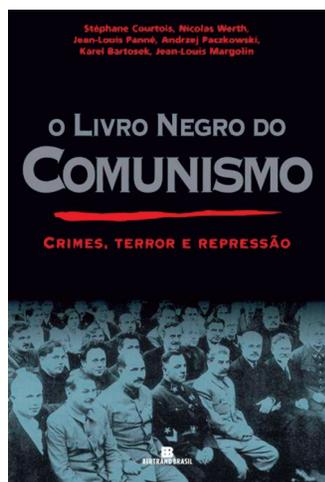
Fonte: produção do próprio autor (2017).

Figura 51 – Ficha

C975m	Cury, Carlos Roberto Jamil.
	Medo à liberdade e compromisso democrático : LDB e Plano Nacional da Educação / Carlos Roberto Jamil Cury, José Silvério Bahia Horta, Vera Lúcia Alves de Brito. – São Paulo : Ed. do Brasil, c1997.
	319 p. ; 23 cm.
	1. Leis – Educação. 2. Educação – Brasil. I. Horta, José Silvério Bahia. II. Brito, Vera Lúcia Alves de. III. Título IV. Título: LDB e Plano Nacional da Educação. V. Título: Plano Nacional da Educação.

Fonte: produção do próprio autor (2017).

d) **mais de três autores:**

Figura 52 – Capa e dados do livro

- Stéphane Courtois
- Nicholas Werth
- Jean-Louis Panné
- Andrzej Paczkowski
- Karel Bartosek
- Jean-Louis Margolin
- O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão
- Tradução: Caio Meira
- Rio de Janeiro
- Biblioteca do Exército Editora
- Bertrand Brasil
- 2000
- 956 páginas
- Ilustrado
- 24 centímetros
- Biblioteca do Exército, 689
- Tradução de: Le livre noir du communisme

Fonte: produção do próprio autor (2017).

Figura 53 – Ficha

L784 O livro negro do comunismo : crimes, terror e repressão / Stéphane Courtois ... [et al.] ; tradução, Caio Meira. – Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército Editora, 2000.

956 p. : Il. ; 24 cm. – (Biblioteca do Exército ; 689)

Tradução de: Le livre noir du communisme.

1. Comunismo – História – Século XX. 2. Perseguição política. 3. Terrorismo. I. Courtois, Stéphane. II. Werth, Nicolas. III. Panné, Jean-Louis. IV. Paczkowski, Andrzej. V. Bartosek, Karel. VI. Margolin, Jean-Louis. VII. Série.

Fonte: produção do próprio autor (2017).

2.5.4.2 *Área 2: da edição*

Uma edição é o conjunto de exemplares de um documento procedentes de uma mesma matriz.

Os dados relativos à edição são separados dos da área que a precede por **ponto, espaço, travessão, espaço**; quando for revisão de uma edição, por **vírgula**; para edição equivalente, por **sinal de igualdade** e por indicação de responsabilidade, por **barra inclinada**.

O número da edição será escrito sempre em algarismos arábicos, não importando como apareça na página de rosto, empregando-se a abreviatura usada na língua do documento, quando conhecida. Quando não, a vernácula. A palavra **edição** pode ser abreviada por **ed.**

Exemplo:

Figura 54 – Capa e dados do livro

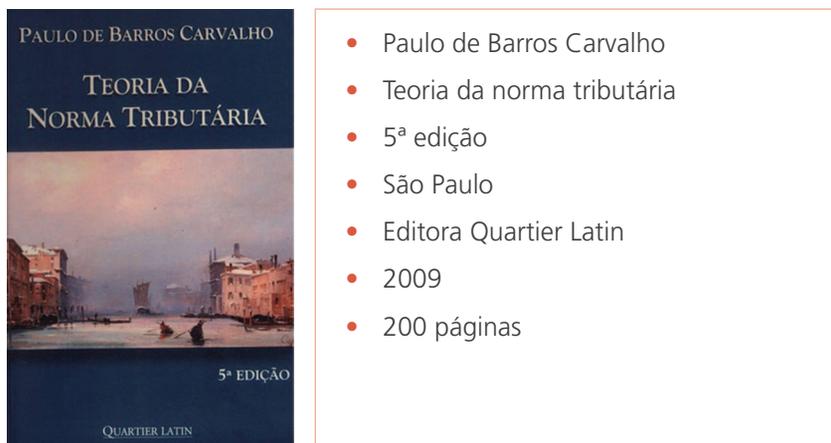
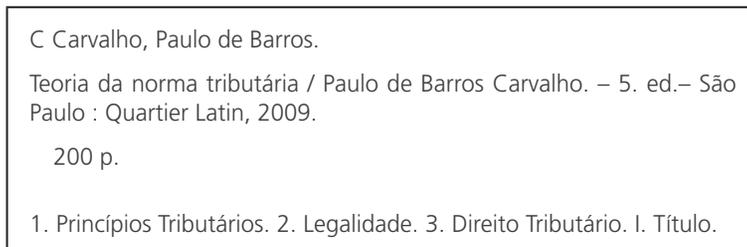
- Paulo de Barros Carvalho
- Teoria da norma tributária
- 5ª edição
- São Paulo
- Editora Quartier Latin
- 2009
- 200 páginas

Fonte: produção do próprio autor (2017).

Figura 55 – Ficha

C Carvalho, Paulo de Barros.

Teoria da norma tributária / Paulo de Barros Carvalho. – 5. ed.– São Paulo : Quartier Latin, 2009.

200 p.

1. Princípios Tributários. 2. Legalidade. 3. Direito Tributário. I. Título.

Fonte: produção do próprio autor (2017).

2.5.4.3 Área 3: dos detalhes específicos do material (ou do tipo de publicação)

Os elementos desta área variam de acordo com o tipo de material ou do tipo de publicação. É a área usada para materiais cartográficos, música, recursos eletrônicos, publicações seriadas e, em algumas circunstâncias, recursos contínuos e microformas.

Nesta área, anteponha o ponto, espaço, travessão, espaço.

2.5.4.4 Área 4: da publicação, distribuição etc.

Nesta área, constam: lugar de publicação, distribuição etc.; editor, distribuidor etc.; indicação de função de editor, distribuidor etc., data de publicação, distribuição etc.; lugar de fabricação, fabricante, data de fabricação.

Essas informações encontram-se, geralmente, na página de rosto, mas, às vezes, é necessário procurá-las nas páginas preliminares, especialmente no verso da página de rosto ou no colofão.

Colofão – Conjunto de dados sobre o impressor, o local e a data de impressão, e, eventualmente, outras características tipográficas, que se encontram no final do livro.

2.5.4.4.1 Pontuação

Os sinais de pontuação precedem os elementos e, nesta área, são:

a) área de publicação, distribuição etc.: **ponto, espaço, travessão, espaço**;

b) segundo ou subsequente lugar de publicação, distribuição etc.: **ponto e vírgula**;

c) nome do editor, distribuidor etc.: **dois pontos**;

d) função de um editor, distribuidor etc.: **entre colchetes**;

e) data da publicação, distribuição etc.: **vírgula**;

f) detalhes de fabricação (lugar, nome, data): **entre parênteses**;

g) qualquer indicação equivalente: **sinal de igualdade**.

2.5.4.4.2 Lugar de publicação

É a cidade em que estão localizados os escritórios da casa editora.

Se a cidade não for bem conhecida, ou se houver outras com o mesmo nome, deverá ser acrescentado (em português, se existir uma forma nesse idioma) o nome do estado, do país, ou de outra subdivisão política, para diferenciá-las.

Se for impossível determinar o lugar de publicação, deve-se recorrer à abreviatura **S.l.** (do latim *sine loco* = **sem lugar**) entre colchetes, em substituição àquele dado.

Exemplo:

[S.l.] : Bushatsky, 1981

2.5.4.4.3 Editor, distribuidor etc.

É o responsável pela publicação de uma obra (diferente do impressor, ou tipógrafo, entidade coletiva ou pessoa jurídica responsável, apenas, pelas operações materiais de produção da obra). Distribuidor é quem detém os direitos de comercialização

O nome do editor deve ser abreviado, sem prejuízo de sua identificação em nível internacional. Assim, **devemos** eliminar termos como **livraria, tipografia, oficina, oficina gráfica, companhia, limitada, e irmãos, e filhos, S.A.** etc.

Quando for desconhecido o nome do editor (casa editora), deve-se usar, em seu lugar, a abreviatura **s.n.** (do latim *sine nomine* = **sem nome**), entre colchetes.

A falta de informação sobre o lugar de publicação e a casa editora será indicada pelas abreviaturas **s.l. : s.n.**, entre colchetes, seguidas dos nomes do lugar de impressão e do impressor, entre parênteses.

Exemplos:

Rio de Janeiro : [s.n.], 2000.

[S.l. : s.n.], 2000.

2.5.4.4.4 Data de publicação, distribuição etc.

Consiste no ano, escrito sempre em algarismos arábicos.

Se não houver informação sobre o ano de publicação, deve-se usar a última data do *copyright* (direitos autorais). Nesse caso, a data será precedida por **"c"** minúsculo.

Quando não houver data de publicação, nem de *copyright,* o catalogador fornecerá uma data aproximada (ano, década ou, pelo menos, século).

Exemplos:

a) ***copyright*:**

São Paulo: Ática, c2000.

b) **um ano ou outro:**

São Paulo: Ática, [1971 ou 1972].

c) **data provável:**

São Paulo: Ática, [2000?].

d) **data aproximada:**

São Paulo: Ática, [ca. 2000].

e) **década certa:**

São Paulo: Ática, [200-].

f) **década provável:**

São Paulo: Ática, [20-?].

g) **século certo:**

São Paulo: Ática, [20--].

h) **século provável:**

São Paulo: Ática, [20--?].

2.5.4.5 *Área 5: da descrição física*

É a área onde se registram elementos como número de páginas (ou de volumes), ilustrações, formato e eventual material adicional. Constitui a primeira parte do segundo parágrafo e tem como fonte principal a publicação inteira.

Seu registro consiste na transcrição do número da última página, folha ou coluna, acrescentando as abreviaturas **p.**, **fl.** ou **col**., conforme o caso.

Se houver partes numeradas com algarismos romanos e partes com arábicos, transcreve-se primeiramente o números de páginas em romanos, e em seguida por arábicos.

Exemplo:

354 p. :il. color ; 27 cm.

xiii, 354.: il.color; 27 cm.

Quando a obra consistir em várias partes sem numeração de páginas, estas devem ser contadas e somadas, registrando-se o total entre colchetes, ou uma aproximação desse total, empregando-se (sem colchetes) a abreviatura latina **ca** (*circa*) = **cerca de**, aproximadamente.

[178] f. :il.color ; 27 cm.

ca 354 p. :il.color ; 27 cm.

Quando uma obra for constituída por mais de um volume, indica-se o número de volumes.

3 v. ; 27 cm.

Se uma obra em dois ou mais volumes possuir numeração contínua de páginas (ou folhas), deve-se indicar, depois do número de volumes, entre parênteses, o número total das páginas desses volumes.

3 v. (xiii, 58 p.) ; 27 cm.

As páginas prefaciais contêm elementos que antecedem o texto com informações que ajudam em sua identificação. Essas informações encontram-se, geralmente, na página de rosto, mas, às vezes, é necessário procurá-las nas páginas preliminares, especialmente no verso da página de rosto ou no colofão.

2.5.4.6 *Área 6: da série*

Registre todos os elementos que compõem uma série dentro de parênteses, logo após a área de descrição física, separando por **ponto, espaço, travessão, espaço**.

Exemplo:

xxi, 324 p. ; 23 cm. – (Retratos do Brasil ; v. 89)

2.5.4.7 *Área 7: das notas*

Nessa área, acrescenta-se alguma informação pertinente ao documento que não pode ser registrada nas outras áreas.

Cada **nota** constitui um parágrafo à parte, tendo início na segunda linha abaixo da descrição.

2.5.4.7.1 Pontuação

Os sinais de pontuação precedem os elementos e, nessa área, são:

a) cada nota: **ponto, espaço, travessão, espaço**, quando não inicia um novo parágrafo;

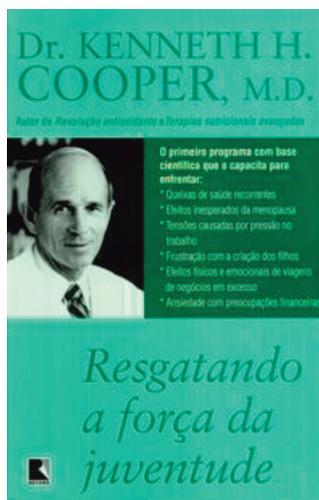
b) notas formais: palavra introdutória, **dois pontos, espaço**;

c) elementos que compõem uma nota de conteúdo: **travessão** (exceto a primeira);

d) interpolações dentro de citações: **colchetes**;

e) fonte da citação: **travessão**.

Exemplo:

Figura 56 – Capa e dados do livro

- Dr. Kenneth H. Cooper, M.D.
- Resgatando a força da juventude
- Regaining the power of youth at any age
- Tradução de Terezinha Soares
- Rio de Janeiro
- Editora Record
- 2002
- 365 páginas
- 21 centímetros

Fonte: produção do próprio autor (2017).

Figura 57 – Ficha

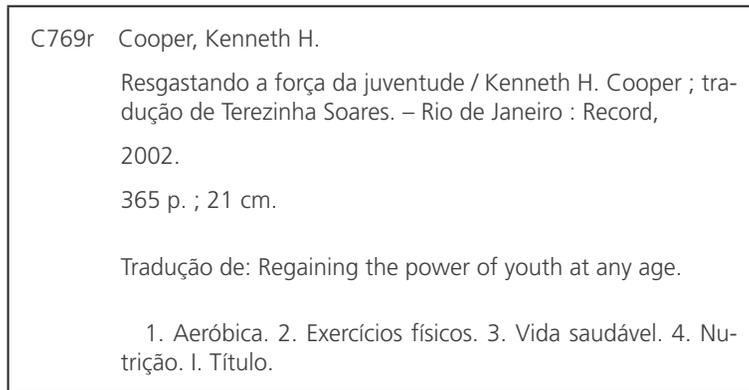
C769r Cooper, Kenneth H.

Resgastando a força da juventude / Kenneth H. Cooper ; tradução de Terezinha Soares. – Rio de Janeiro : Record,

2002.

365 p. ; 21 cm.

Tradução de: Regaining the power of youth at any age.

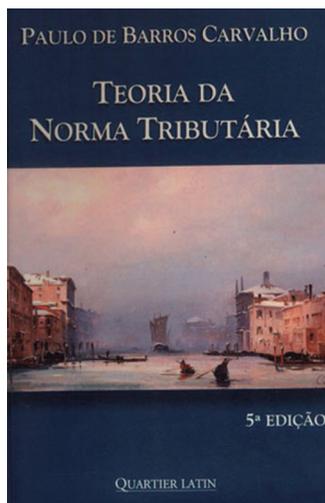
1. Aeróbica. 2. Exercícios físicos. 3. Vida saudável. 4. Nutrição. I. Título.

Fonte: produção do próprio autor (2017).

2.5.4.8 *Área 8: do número normalizado e modalidades de aquisição*

International Standard Book Number (ISBN) é o número aceito por acordo internacional, que identifica determinado item.

A modalidade de aquisição é um acréscimo opcional.

Exemplo:

Figura 58 – Capa e dados do livro

- Paulo de Barros Carvalho
- Teoria da norma tributária
- 52ª edição
- São Paulo
- Editora Quartier Latin
- 2009
- 200 páginas
- ISBN 97-885-767-4376-7

Fonte: produção do próprio autor (2017).

Figura 59 – Ficha

C331t	Carvalho, Paulo de Barros.
	Teoria da norma tributária / Paulo de Barros
	Carvalho. – 5. ed. – São Paulo : Quartier Latin, 2009.
	200 p.
	ISBN 97-885-767-4376-7: R$ 54,90
	1. Princípios Tributários. 2. Legalidade. 3. Direito Tributário. I. Título.

Fonte: produção do próprio autor (2017).

Agora que conhecemos os principais elementos para a descrição bibliográfica, precisamos entender o que são **pontos de acesso**.

O **autor** é a pessoa ou entidade responsável pela criação do conteúdo intelectual ou artístico de uma obra.

O nome do **autor** (pessoa física ou entidade) constitui, via de regra, a entrada **(ponto de acesso)** principal, e é registrado sempre no mesmo lugar: na **quarta linha** da ficha, a **nove espaços** de sua margem esquerda (primeira margem).

Quando a entrada principal for nome de autor individual, entra pelo **sobrenome** e separado por **vírgula e espaço**.

Se a entrada principal for longa, necessitando de continuação em outra(s) linha(s), terá início na terceira margem.

Exemplo:

Figura 60 – Capa e dados do livro

- Igor A. G. Moreira
- Professor Titular de Geografia Humana e Econômica da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras
- O espaço geográfico: geografia geral e do Brasil
- 2ª edição
- Editora Ática
- São Paulo
- 1975
- 272 páginas
- Ilustrado
- 21 centímetros

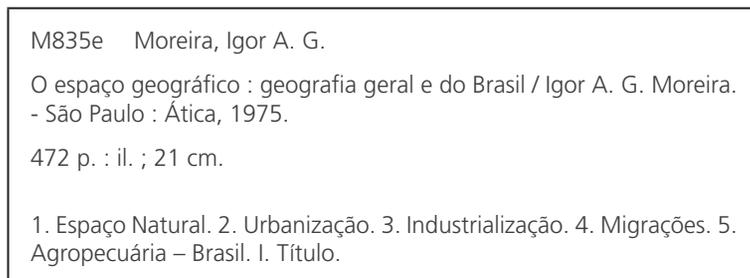
Fonte: produção do próprio autor (2017).

Figura 61 – Ficha

M835e Moreira, Igor A. G.

O espaço geográfico : geografia geral e do Brasil / Igor A. G. Moreira. - São Paulo : Ática, 1975.

472 p. : il. ; 21 cm.

1. Espaço Natural. 2. Urbanização. 3. Industrialização. 4. Migrações. 5. Agropecuária – Brasil. I. Título.

Fonte: produção do próprio autor (2017).

O **autor entidade** é uma organização ou assembleia de pessoas conhecida e identificada por um nome corporativo ou coletivo, como: associações, conferências, congressos, empresas, exposições, expedições, instituições, grupos teatrais, partidos políticos, projetos e programas, competições atléticas, navios, naves espaciais, governos, órgãos estatais, entidades religiosas etc.

Agora, é só praticar!

2.6 *RECURSOS: DESCRIÇÃO E ACESSO (RDA)*

Figura 62 – Logomarca da *RDA*

Fonte: *Wikimedia Commons* (2015).[23]

Verificamos, ao longo da história da catalogação, que suas regras de padronização e bases fundamentais vêm sofrendo mudanças e atualizações. Para atender às transformações tecnológicas da informação e comunicação, como também acompanhar o surgimento de novas mídias e variados suportes da informação, surge, nesse momento, a *RDA*.

Como já vimos, o *AACR2* facilitou o intercâmbio de informações por ter uma padronização das descrições em nível mundial. Entretanto, com o avanço tecnológico, a comunidade bibliotecária sentiu a necessidade de adequar as novas demandas de informação.

[23] Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Resource_Description_%26_Access_logo.jpg>. Acesso em: 4 maio 2020.

Segundo *Silva* (2012, p. 114), a *RDA* é:

> [...] a nova norma de catalogação [que] foi desenvolvida com a pretensão de substituir as AACR2, mas toma como base a norma anterior e é pensada para os conteúdos no ambiente digital. É baseada em um conjunto de instruções práticas, que é fundamentada em um conceito teórico que define a forma, a estrutura e o conteúdo desta nova padronização.
>
> A RDA é uma norma de conteúdo e sua função é criar um grupo robusto de informações que alimentam as bases de dados atuais, além de criar estrutura para os novos desafios de coleta e consulta de informação no futuro. Esta norma oferece uma série de instruções; instrui quais dados armazenar e como o fazer.

A *RDA* foi desenvolvida pelo *Joint Steering Committee* (JSC), formado pelas seguintes instituições:

a) *American Library Association (ALA);*

b) *Library of Congress (LC);*

c) *Australian Committee on Cataloguing (ACOC);*

d) *Canadian Committee on Cataloguing (CCC);*

e) *British Library (BL);*

f) *Chartered Institute of Library and Information Professionals (CILIP).*

O *Committee of Principals* (CoP) supervisiona o projeto como um todo, tendo como membros os representantes das instituições:

a) *American Library Association (ALA);*

b) *Canadian Committee on Cataloguing (CCC);*

c) *Chartered Institute of Library and Information Professionals (CILIP);*

d) *Library of Congress (LC);*

e) *Library and Archives Canada (LAC);*

f) *British Library (BL);*

g) *National Library of Australia (NLA).*

Em 1997, ocorreu a Conferência Internacional sobre o futuro e os Princípios do Desenvolvimento do *AACR*, em Toronto – Canadá. Nessa mesma conferência, originou-se o modelo conceitual FRBR, que inauguraria uma nova estrutura para os registros bibliográficos.

Entre os anos de 1998 a 2004, ocorreram várias atualizações no *AACR2*, procurando atender às novas estruturas tecnológicas da época. Segundo *Anzolin* (2007, p. 3), "a tradução de 2002 para o português teve revistas a redação e numeração das regras e inclusão de novos exemplos", além das alterações ocorridas em 2003, 2004 e 2005.

A atualização ocorrida em 2004 superou as pretensões iniciais: "O comitê denominou AACR3 essa nova revisão", segundo *Oliver* (2011, p. 54), que acrescenta:

> [...] as regras e os conceitos e as terminologias utilizados no modelo FRBR. [...] O conceito de tipo de material estava passando pelo processo de sua

> eliminação e substituição por uma nova estrutura, que fosse logicamente mais rigorosa e extensível, destinada à descrição técnica e de conteúdo dos recursos. (OLIVER, 2011, p. 54).

Em 2005, o Comitê decidiu deixar os limites da estrutura das *AACR2* e partir para uma harmonização mais completa com o modelo FRBR. Dessa forma, alterou-se também seu nome para *RDA*.

A *RDA* foi concebida para atender aos anseios de um conjunto de normas mais voltado à realidade dos catálogos eletrônicos de bibliotecas e às diversas fontes de informação em linha disponíveis, para permitir um alcance maior das regras *AACR2*, que tinham o foco nas obras impressas.

Assim, segundo *Oliver* (2011, p. 5), "há também um esforço consciente para preservar a compatibilidade com os dados dos registros *AACR2*. Os dados *RDA* podem ser codificados com a mesma norma MARC 21 usada em registros *AACR2*".

2.6.1 Estrutura da *RDA*

A *RDA* comporta em sua estrutura características que permitem abranger todos os suportes de informação de forma mais estruturada do que o *AACR2*.

Castro (2008, p. 87) explica que:

> Ao ser comparado com o código em exercício – AACR2 – pode-se verificar notórias diferenças com relação à estrutura da RDA. O AACR2 contempla atualmente duas partes: *Description* (descrição) e *Access* (acesso). Na RDA percebemos a inserção de alguns elementos, como por exemplo, na parte A (Descrição) onde estão agregados os *Relationships* (Relacionamentos) dados pelo modelo de relacionamento FRBR, ou seja, a parte A é agora descrição e relacionamento e abarca o conteúdo dos registros bibliográficos. Já a parte B, *Access Point Control* (Controle de Pontos de Acesso), abarca o conteúdo de autoridade dos registros bibliográficos.

Para atender a demanda da catalogação, a *RDA* está estruturada em duas seções principais, divididas entre a parte A: *Reccording Attributes* (Registro de Atributos) e a parte B: *Recording Relationships* (Registro de Relações), no total de dez seções, como pode ser observado a seguir:

a) registro de atributos:

   – seção 1: registro de atributos para manifestação e item – cap.1-4;

   – seção 2: registro de atributos para obra e expressão – cap. 5-7;

   – seção 3: registro de atributos para pessoas e entidades – cap. 8-11;

   – seção 4: registro de atributos para conceito, objeto, evento e lugar – cap. 12-16.

b) registro de relações:

- seção 5: registro básico para relações entre obra, expressão, manifestação e item – cap. 17;
- seção 6: registro das relações para pessoas e entidades – cap. 18-22;
- seção 7: registro das relações para conceitos, objetos, eventos e lugares associados com a obra – cap. 23;
- seção 8: registro das relações entre obras, expressões, manifestações e itens – cap. 24-28;
- seção 9: registro das relações entre pessoas e entidades – cap. 29-32;
- seção 10: registro das relações entre conceitos, objetos, eventos e lugares – cap. 33-37.

c) apêndices:

- A: uso de maiúsculas;
- B: abreviaturas;
- C: artigos iniciais;
- D: sintaxe do registro para descrição do dado;
- E: sintaxe do registro para controle do ponto de acesso;
- F: cabeçalhos para pessoas;
- G: títulos de nobreza, termos de classificação etc.;
- H: datas do calendário cristão;
- I-L: designadores de relacionamentos;
- glossário;
- índice.

A *RDA* é composta por 38 capítulos (o primeiro capítulo é o zero e o 37 é o último), sendo que o primeiro capítulo de cada seção é destinado para orientações gerais. Na organização, os capítulos não são mais separados pelo tipo de material, como no *AACR2*. Eles passam a ser categorizados pelos objetivos das tarefas, permitindo aos usuários identificar e relacionar as informações pesquisadas.

Observa-se que, com as mudanças ocorridas com o desenvolvimento dos suportes tecnológicos, a estrutura do novo código de catalogação permite práticas da descrição bibliográfica que aperfeiçoam a recuperação de informações.

Apresentamos, a seguir, quadros resumindo e comparando a *RDA* com o *AACR2*:

Quadro 3 – Estruturas do *AACR2* e da *RDA*

AACR2	***RDA***
26 CAPÍTULOS	38 CAPÍTULOS
PARTE 1: 13 CAPÍTULOS	PARTE 1: 16 CAPÍTULOS
PARTE 2: 6 CAPÍTULOS	PARTE 2: 10 CAPÍTULOS
APÊNDICES DE A-F	APÊNDICES DE A -L

Fonte: *Albuquerque* (2017).

Assim como sua estrutura, os termos utilizados no *RDA* também foram modificados, adotando uma nova terminologia, como apresentado no quadro abaixo:

Quadro 4 – Terminologias do *AACR2* e da *RDA*

TERMOS DO *AACR2*	**TERMOS DO *RDA***
Cabeçalho (*Heading*)	Ponto de acesso (*Access point*)
Cabeçalho autorizado (*Authorized heading*)	Ponto de acesso preferido (*Preferred access point*)
Entrada principal (*Main entry*)	Ponto de acesso primário (*Primary access point*)
Entrada secundária/adicional (*Added entry*)	Ponto de acesso secundário (*Secundary access point*)
Controle de autoridade (*Authority control*)	Ponto de acesso controlado (*Access point control*)
Título uniforme (*Uniform title*)	Título preferido (*Preferred title*)

Fonte: traduzido e adaptado de *Tillett* (2007, p. 45).

Outro ponto importante a destacar é o uso de abreviaturas, que na *RDA* não são utilizadas, como podemos ver no quadro abaixo:

Quadro 5 – Abreviaturas *AACR2* e *RDA*

AACR2	***RDA***
Usa abreviaturas	Não abrevia
Adiciona informações entre colchetes	Transcreve como parece, não acrescenta informações
Tem regras complexas para vários lugares e editores	Registra nomes na ordem encontrada na fonte
Usa as abreviaturas s.l. ou s.n. quando o lugar ou o editor são desconhecidos	Usa frases para indicar uma informação desconhecida: [Lugar de publicação não identificado]; [Editor não identificado]

Fonte: adaptado de *Modesto* (2010).

A *RDA* só permite abreviações em elementos transcritos se os dados aparecerem em forma abreviada na fonte. Vejamos alguns exemplos no Quadro 6 a seguir:

Quadro 6 – Exemplos de abreviações *AACR2* e *RDA*

AACR2	***RDA***
xvi, 323 p.	xvi, 323 páginas
[93] p.	93 páginas não numeradas
ca. 500 p.	cerca de 500 páginas
3 v. (1457 p.)	3 volumes (1457 páginas)
45, [40] f.	45 folhas, 40 folhas não numeradas
257 [i.e. 257] p.	257, ou seja, 257 páginas
180 p., 30 v. folhas de lâminas [série incompleta]	180 páginas, 30 volumes de folhas de lâminas [série incompleta]

Fonte: *Modesto* (2010).

Ocorreram também algumas modificações na terminologia dos tipos de mídia, tipos de suporte e tipos de conteúdo. No Quadro 7, apresentamos as alterações:

Quadro 7 – Designações gerais dos materiais

AACR2	***RDA***
TIPOS DE MÍDIAS	
Recurso eletrônico	Computador
Microforma	Microforma
Gravação de som	Áudio
TIPOS DE SUPORTES	
Tira de filme	Tira de filme
Filme cinematográfico	Rolo do filme
Slide	*Slide*
Transparência	Transparência
TIPO DE CONTEÚDO	
Material cartográfico	Cartográfico
Música	Música adotada
Texto	Texto

Fonte: traduzido e adaptado de *Delsey* (1997).

A *RDA* também apresenta elementos novos, não existentes no *AACR2*, como: características do arquivo, formato de vídeo, informações sobre custódia (recursos arquivísticos) características de braille, URL, identificadores de entidades (pessoas, entidades corporativas, obras) e idioma das pessoas, entre outros.

Quanto à área de responsabilidade, no *AACR2*, nas obras com mais de três autores, omitem-se todos os nomes, exceto o do primeiro autor. Na *RDA*, se a obra tem cinco autores, por exemplo, todos os autores são indicados.

Quanto aos tipos de autoria, vamos ver as diferenças no Quadro 8:

Quadro 8 – Tipos de autoria

AUTORIA	*AACR2*	*RDA*
Todas as obras são exibidas sob um pseudônimo	Utiliza o pseudônimo como título (com uma indicação de "ver referência" para verificar o nome real, se conhecido).	Utiliza o pseudônimo como nome de preferência (utiliza o nome real, como uma variação, se conhecido)
Diferentes nomes utilizados para diferentes tipos de obra	Utiliza o nome associado a cada tipo de obra como título de obras daquele tipo.	Utiliza o nome associado com cada identidade como nome de preferência para aquela identidade (faz uso de relações para conectar as diferentes identidades).
Autores contemporâneos	Utiliza o nome associado a cada obra como título para aquela obra.	Utiliza o nome associado com cada identidade como nome de preferência para aquela identidade (faz uso de relações para conectar as diferentes identidades).
Outras pessoas com mais de uma identidade	Utiliza o nome pelo qual a pessoa se tornou identificada em trabalhos recentes, trabalhos críticos, ou outras fontes de referências (com uma indicação de "ver referência" para verificar outros nomes).	Utiliza o nome associado com cada identidade como nome de preferência para aquela identidade (faz uso de relações para conectar as diferentes identidades).

Fonte: adaptado e traduzido de *Delsey* (1997).

Vimos nos quadros acima que a *RDA* é fundamentada por elementos existentes do *AACR2*, entretanto, foi reestruturada com maior detalhamento na representação dos dados.

2.6.2 **Atividade**

Assinale a alternativa que corresponde à definição a seguir:

Modelo conceitual resultante da pesquisa realizada por um grupo de estudo da *IFLA* entre os anos de 1992 e 1997, e publicada em 1998. Não é um código de catalogação, serve para estruturar o relacionamento dos dados dos registros bibliográficos às necessidades dos usuários desses registros:

a) ISBN;

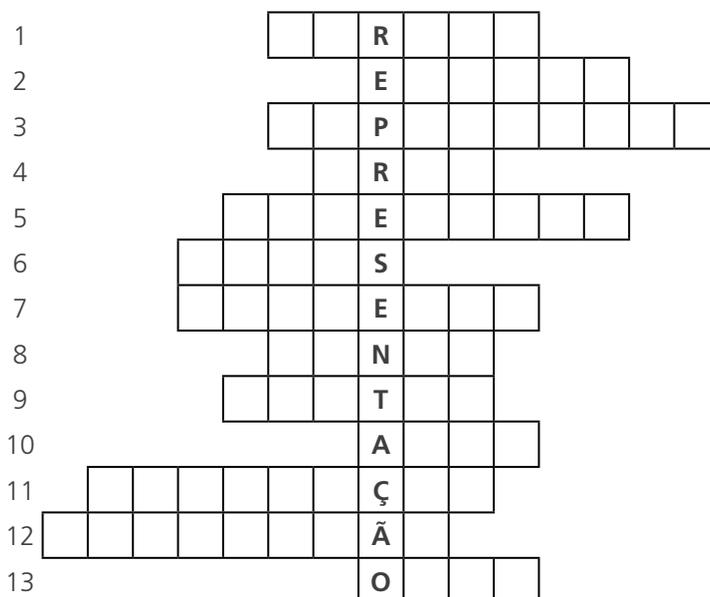
b) *AACR3*;

c) FRBR;

d) *ALA*;

e) MARC.

Agora, palavras-cruzadas!

Os instrumentos de representação descritiva da informação, o *ISBD*, o *AACR* e a *RDA*, tiveram seu desenvolvimento atrelado à prática da catalogação, sempre com a preocupação principal de identificar os elementos essenciais e complementares necessários para uma representação documental satisfatória e universal.

1. Sobrenome do autor do texto-base da *ISBD*.
2. Nome da segunda área de descrição das informações bibliográficas.
3. Nome da cidade onde ocorreu a reunião que deu origem ao *ISBD* (1969), promovida pelo Comitê sobre Catalogação da *IFLA*, onde surgiu a proposta de criação de normas que regulamentassem a forma e o conteúdo das descrições.
4. Sigla para o nome do modelo conceitual resultante do estudo realizado por um grupo da *IFLA* entre os anos de 1992 e 1997, e publicado em 1998.
5. Sobrenome do bibliotecário que coordenou a primeira edição brasileira do *AACR* (1969).
6. Nome do país onde ocorreu a Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação, primeiro evento com o objetivo de discutir a normalização e padronização, em nível internacional, da catalogação.
7. Nível de descrição que inclui todos os elementos especificados das regras de catalogação.
8. Sobrenome da bibliotecária brasileira precursora dos princípios de catalogação adotados no Brasil, que participou da Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação, primeiro evento com o objetivo de discutir a normalização e padronização em nível internacional da catalogação.
9. Criador da tabela de códigos de nomes pessoais que representa cada sobrenome do autor.
10. Sigla do código de catalogação que seguiu os *Princípios da Declaração de Paris* de 1961, sendo publicada a sua primeira edição em 1967.
11. Indica e separa os elementos da descrição.

12. Sinal de pontuação que substitui as reticências presentes no título na catalogação.

13. Número de áreas de descrição que constituem a parte principal da descrição bibliográfica.

Resposta comentada

A única resposta correta é a letra **c)**: FRBR, pois o ISBN é um sistema internacional que identifica recursos informacionais por meio de código numérico de 13 dígitos que representam etiqueta título, autor, país, editora e edição. O *AACR3* seria a terceira edição do *AACR2*, porém sua revisão determinou grandes e profundas mudanças, levando ao desenvolvimento da *RDA*. A *ALA* é um organismo internacional que atua na área da Biblioteconomia com a missão de proporcionar o desenvolvimento, promoção e melhoria da biblioteca, dos serviços de informação e da profissão de bibliotecário, a fim de aprimorar a aprendizagem e garantir o acesso à informação para todos. Já o MARC (catalogação legível por computador) é uma ferramenta que possibilita a otimização do serviço de catalogação, facilitando a disseminação e recuperação da informação.

Solução das cruzadas:

RESUMO

Vimos nesta unidade os instrumentos de representação descritiva da informação: normas e códigos, ou seja, o *ISBD*, o *AACR* e a *RDA*, que tiveram seu desenvolvimento atrelado à prática da catalogação, sempre com a preocupação principal de identificar os elementos essenciais e complementares necessários para uma representação documental satisfatória e universal.

A necessidade de padronizar a forma de representar a informação contida em um item documentário fortaleceu a necessidade do estabelecimento de normas e a elaboração de códigos para sua descrição.

O desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) gerou significativas mudanças no contexto das bibliotecas, que há poucas décadas eram constituídas por fichas catalográficas, catálogos manuais e bases teóricas fundamentadas em modelos do século XIX. Os avanços tecnológicos criaram novas exigências de descrição bibliográfica em virtude do surgimento de recursos digitais.

Nesse novo cenário, fez-se necessária a revisão de normas e códigos de descrição bibliográfica, constatando-se não ser possível somente uma revisão das regras existentes, como estabelecidas no *AACR2,* que não é flexível o suficiente para abranger as inovações recorrentes da evolução tecnológica.

Com a utilização dos modelos conceituais FRBR e FRAD, houve a inclusão de novas regras e a reconstrução de outras, buscando uma terminologia que caracterizasse um novo código. Assim surge a *RDA*, que utiliza muitos elementos reestruturados do *AACR2*, porém, de forma mais organizada, mais bem fundamentada e adaptada para a aplicação no ambiente digital.

Sugestão de Leitura

ASSUMPÇÂO, Fabrício Silva. Ideias, notícias e reflexões sobre catalogação. **Fabrício Assumpção**, [S.l.], 2017. Disponível em: <http://fabricioassumpcao.com/>. Acesso em: 15 maio 2017.

REFERÊNCIAS

ANZOLIN, Heloisa Helena. Atualizações em AACR2. In: ENCONTRO NACIONAL DOS USUÁRIOS DA REDE PERGAMUM, 9., 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2007. Disponível em: <http://cobip.pgr.mpf.mp.br/sistema-pergamum/ix-encontro-nacional/20_04_2007/Curso%20AACR2.pdf>. Acesso em: 6 maio 2017.

BYRUM JR., J. D. IFLA's ISBD programme: purpose, process, and prospects**. Library of Congress**, Washington, 2005. Disponível em: <http://www.loc.gov/loc/ifla/imeicc/source/papers-byrum.pdf//search='isbd'>. Acesso em: 15 mar. 2017.

CASTRO, F. F. de. **Padrões de representação e descrição de recursos informacionais em bibliotecas digitais na perspectiva da ciência da informação:** uma abordagem do Marcont initiative na era da web semântica. 2008. 201 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bma/33004110043P4/2008/castro_ff_me_mar.pdf>. Acesso em: 15 maio 2017.

CÓDIGO DE CATALOGAÇÃO ANGLO-AMERICANO. 2. ed. rev. Tradução da FEBAB. São Paulo: FEBAB/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

DELSEY, Tom. Modelling the logic of AACR. In: INTERNATIONAL CONFERENCEON THE PRINCIPLES AND FUTURE DEVELOPMENT OF AACR, 2010, Toronto. **Anais...** Toronto: Canadian Library, 2010. Disponível em: <http://collection.nlc-bnc.ca/100/200/300/jsc_aacr>. Acesso em: 15 maio 2017.

FALDINI, Giacomina (Org.). **Manual de catalogação:** exemplos ilustrativos do AACR2. São Paulo: Neobel, 1987.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES. AACR2: código de catalogação anglo-americano. **FEBAB**, São Paulo, c2017. Disponível em: <http://www.febab.org.br/aacr2-2/>. Acesso em: 21 mar. 2017.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Full ISBD examples:** preliminary edition. [S.l.]: IFLA, 2013. Disponível em: <https://www.ifla.org>. Acesso em: 19 mar. 2017.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **UBCIM Publications:** new series. München: K. G. Saur, 1998. Disponível em: <http://www.ifla.org/VII/s13/FRBR/FRBR.pdf>. Acesso em: 15 maio 2017.

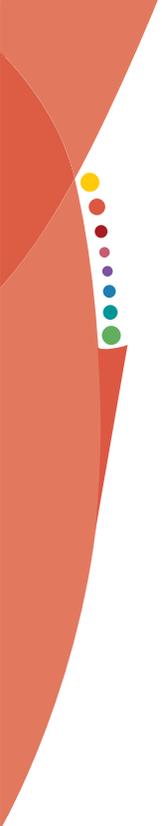
MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Christofoletti. **Catalogação no plural**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2009.

MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Christofoletti. **Não brigue com a catalogação!** Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2003.

MODESTO, Fernando. **O divórcio do catalogador:** AACR2 ou RDA. [S.l.]: Infohome, 2010. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=559.> Acesso em: 15 maio 2017.

OLIVER, Chris. **Introdução à RDA:** um guia básico. Brasília: Briquet de Lemos, 2011.

RIBEIRO, Antonia Motta de Castro Memória. **Catalogação de recursos bibliográficos pelo AACR2R 2002**. 2. ed. Brasília: Ed. do Autor, 2004.

RODRIGUÉZ, E. E.; McGARRY, D. ISBD consolidada: um passo em frente. In: INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS

AND INSTITUTIONS. **Princípios de catalogação da IFLA:** passos para um código de catalogação internacional. Pretória: K. G. Saur, 2007. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?isbn=3598441029>. Acesso em: 20 mar. 2017.

SILVA, Eliana Barbosa de Oliveira et al. **Revista CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 113-123, jan. 2012. Disponível em: <http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/viewFile/74/76>. Acesso em: 06 maio 2017.

TILLETT, Barbara. **O que é FRBR?:** um modelo conceitual para o universo bibliográfico. Tradução de Lídia Alvarenga. Washington: Biblioteca do Congresso, 2007. Disponível em: <http://www.loc.gov/catdir/cpso/o-que-e-FRBR.pdf>. Acesso em: 15 maio 2017.